

**UM** tipógrafo que eu cá sei (casado, mulher e dois filhos) tinha a mania dos números porque, dizia ele, passava a vida a fabricar palavras e com palavras não havia meio de se governar. Era um gutenbergue nascido e criado entre letras de chumbo, ganhando o pão do dia a juntar letras com uma velha pinça, a sua enxada. Plantava palavras em pesadas formas de ferro, de máquina antiga, e lia-as ali mesmo e ao contrário de todos nós — ou seja, da direita para a esquerda, porque é assim que lêem os tipógrafos-compositores, e com que rapidez.

Pois bem, com cinquenta anos ou mais, este operário das letras marteladas não tinha feito outra coisa que trabalhar em elogios de inauguração, história pátria, versalhada e mistérios mais ou menos de religião — isto admitte-se? Inclusive, os poucos discursos bancários que lhe passavam pelas mãos estavam carregados de poesia heróica.

**UM** dia, estava ele na sua função de ler da direita para a esquerda quando descobriu certa e determinada passagem onde se afirmava que a melhor poesia era a dos números. Lambeu-se todo, de contente.

«Mulher», anunciou nessa noite, reunido com a família à volta do jantar. «A melhor poesia é a dos números.»

Ninguém se deu por achado ou se calhar ninguém o ouviu porque a comida estava a ferver e só se via era bocas estendidas para os pratos, a assoprar. O filho mais novo quase chorava de raiva por não poder comer com a rapidez que desejava; o mais velho empoleirava-se na borda da panela à procura de um pedaço de carne que não havia, e em luta com a fumarada.

«Quietos», urrou a mãe, afastando-o com uma sapatada.

Eram duas crianças caprichosas, talvez por terem nascido tarde, segundo a opinião da vizinhança. Por tudo e por nada metiam-se em amuos, por tudo e por nada armavam cada sarilho que só visto. São sempre assim os filhos dos casais velhos, mas muito inteligentes. Ou, antes, malignos, segredavam as mulheres do bairro lá entre elas.

O tipógrafo, como parava pouco em casa, não dava por nada. Praticamente via os filhos através do fumo da panela, à hora do jantar. Podia distinguir o mais velho pelos óculos luzidios, que eram de lentes grossas como as dele próprio, operário de miopia castigada por quilómetros de pa-

feitos à parte para o palpite da semana. Em menos de um fóloro saltavam para cima da mesa com apostas e contra-apostas num burburinho de todo o tamanho.

Um apregoava, supunhamos. («Sporting-Académica!») E caíam-lhe logo todos com:

«Empate», «Ganham os estudantes», «Jogo para os da casa», desatando a escrever, acto contínuo: 1-x-1, 1-x-x, x-2-1, etc. Pa-

triplas, Benfica, Vitória, Be-lenenscs. Não faltavam sequer os nomes universais de Peñarol S. C., Manchester United e Dynamo de Moscovo, impérios sem fronteiras, sim, impérios, que os apostadores da taberna mediam e pesavam em cima de uma mesa de pinho. Operações na Bulgária e no Jamor eram com eles; ou as de Atenas e da mais incerta praça dos Balcãs, estádios gelados. Acompanhavam-nas com os seus pe-

rias de totobola, estava nisso a sua confiança de avançados denodados calculadores. Citavam-nas a par e passo: notícias de milionários, fortunas do dia para a noite. Possivelmente também já tinham ganho no muito além uma ou outra centena de escudos e não viam razão para desanimar.

A mulher do tipógrafo sentia as apostas a crescer, hoje cem, amanhã duzentos, e, bem entendido, inquietava-se. «Qualquer dia já só comemos fumo», dizia. E, a brincar, a brincar, a panela ia levando cada vez menos couve e menos batatas. Pajá compensar tinha de lhe pôr mais água, mais óleo — e a fumarada crescia. Era fatal.

O marido é que não se apercebia e continuava na dele, nos números. Enquanto o filho mais velho andava pelo fundo da carne impossível, punha-se a fazer contas em voz alta às diversas possibilidades que cabem a um pai de salário parado em face do quadro do totobola.

«Se o trabalho chamasse o dinheiro estavam os bois ricos», costumava ele dizer, explicando ainda que hoje em dia as fortunas vinham todas feitas do berço e ali daquele que sonhasse enriquecer no tostão a tostão porque já lá ia o tempo. Lotarias e totobolas seriam o único remédio para levantar a cabeça contra o capital sem piedade.

«Lotaria?», sobressaltou-se a mulher quando o ouviu falar assim pela primeira vez. «Já não te chega o totobola?»

E para os filhos:

«Jesus, que o vosso pai quer-nos desgraçar.»

O que ela foi dizer. Mal ouviu isto, o miúdo mais miúdo, que já estava rabujento por causa da sopa a

escaldar, rompeu numa raria de estremeceer as pedras. Comeu logo uma bolacha da mão.

«Toma, que é para seres», gritou-lhe a mãe, e a palma da mão.

Pior, a choradeira. «Tome, tome. Assim que receber o dinheiro dos serões vou ao banco de Que-luz e trago lá um quilo de chouriço melhor. Digamos, que me digas...»

Tomaras tu meio quilo disse a mãe de família. «Falo pelos números.» O tipógrafo à mínima disposição respondia que falava com dados ou pelos números. «Quilo e meio de chouriço não chegava a vinte e cinco das horas excedentes. Mas, está bem, que se me dá um quilo.»

Ficou para ali tempos quecidos, chorando, e um bocadinho cozinha-se para dizer-se, por chorar, e pensando em tudo e em nada. «Ficou de colher no nenhuma, no vago. E, suspensa: «Lembraste-me aquele arroz que fazia a minha irmã?»

O tipógrafo pôs-se a esgar as mãos: «Petiscos. O que eu quero são petiscos. E depois?» «Depois o quê?» «O arroz, mulher. O tal que fazia a tua irmã.» Levava a t u c i n h o, pitacos e, querendo, pôs-se a fritar umas fatiadas de lombo para acompanhar Mas só o molho era por um almoço. Era capaz de comer toda a vida de pão ensopeado naquele molho.»

Mãe e filhos ouviam e preocupavam-se com os números que ele ia citando ao anoitecer diante do fumo do jantar: litros de gasolina, quilómetros, contos de ris. Sabiam que ele tinha em qualquer lado um vigésimo de lotaria, seis algarismos dobrados na carteira ou no fundo de uma gaveta, como folhas velhas, perfumadas. E vai então os penuenos puseram-se secretamente à busca do tesouro, mortos de curiosidade. Desenhavam às escondidas, formigavam por entre tábuas, metiam-se pelo nem se imagina. Na cama, enquanto não vinha o sono, segredavam esconderijos e recantos para explorarem de manhazinha.

«Sei um sítio», dizia um. «Sei um sítio», respondia o outro. Depois coitavam — troca por troca. Mas o vigésimo, que é dele? A mulher ainda quis saber o número da terminação porque num sonho antigo lhe tinha aparecido

**II**  
«D EIXA, pois», sossegou-o a mãe. No dia seguinte, o outro e no outro, de cada vez que vinha à conversa arroz de chouriço e um molho de ensopar a

chouriço ao almoço», anunciou o tipógrafo, da outra ponta da mesa.

«Bom dia», disse a mulher de família servia-se da sua em gesto vagaroso — interessada ou esquecida em ela sabia.

«O marido: «Absolutamente. Assim que receber o dinheiro dos serões vou ao banco de Que-luz e trago lá um quilo de chouriço melhor. Digamos, que me digas...»

Tomaras tu meio quilo disse a mãe de família. «Falo pelos números.» O tipógrafo à mínima disposição respondia que falava com dados ou pelos números. «Quilo e meio de chouriço não chegava a vinte e cinco das horas excedentes. Mas, está bem, que se me dá um quilo.»

Ficou para ali tempos quecidos, chorando, e um bocadinho cozinha-se para dizer-se, por chorar, e pensando em tudo e em nada. «Ficou de colher no nenhuma, no vago. E, suspensa: «Lembraste-me aquele arroz que fazia a minha irmã?»

O tipógrafo pôs-se a esgar as mãos: «Petiscos. O que eu quero são petiscos. E depois?» «Depois o quê?» «O arroz, mulher. O tal que fazia a tua irmã.» Levava a t u c i n h o, pitacos e, querendo, pôs-se a fritar umas fatiadas de lombo para acompanhar Mas só o molho era por um almoço. Era capaz de comer toda a vida de pão ensopeado naquele molho.»

Mãe e filhos ouviam e preocupavam-se com os números que ele ia citando ao anoitecer diante do fumo do jantar: litros de gasolina, quilómetros, contos de ris. Sabiam que ele tinha em qualquer lado um vigésimo de lotaria, seis algarismos dobrados na carteira ou no fundo de uma gaveta, como folhas velhas, perfumadas. E vai então os penuenos puseram-se secretamente à busca do tesouro, mortos de curiosidade. Desenhavam às escondidas, formigavam por entre tábuas, metiam-se pelo nem se imagina. Na cama, enquanto não vinha o sono, segredavam esconderijos e recantos para explorarem de manhazinha.

«Sei um sítio», dizia um. «Sei um sítio», respondia o outro. Depois coitavam — troca por troca. Mas o vigésimo, que é dele? A mulher ainda quis saber o número da terminação porque num sonho antigo lhe tinha aparecido

**Um conto inédito de JOSÉ CARDOZO PIRES Ilustração de CARLOS RIBEIRO**

meçaram a ter sábado à vista por entre fumos da panela. Simplesmente, em vez de totobolas e números a granel, o desta semana aparecia embandeirado em bilhetes de lotaria — números ainda. O pai-de-família deixou de pensar em petiscos de lamber o beijo para falar das sortes grandes e de um velho automóvel que havia algures, muito misteriosamente, num pátio dos arredores.

«O pior são os pneus», dizia ele. «Mas com quaisquer oitocentos mil ris compram-se uns recauchutados.»

«E a carta? Não contas com a carta de condução?» perguntava a mulher, infalivelmente.

«Quem tem dinheiro para um carro tem dinheiro para a carta», era a resposta. Tirava-a, onde estava a dúvida?

Mãe e filhos ouviam e preocupavam-se com os números que ele ia citando ao anoitecer diante do fumo do jantar: litros de gasolina, quilómetros, contos de ris. Sabiam que ele tinha em qualquer lado um vigésimo de lotaria, seis algarismos dobrados na carteira ou no fundo de uma gaveta, como folhas velhas, perfumadas. E vai então os penuenos puseram-se secretamente à busca do tesouro, mortos de curiosidade. Desenhavam às escondidas, formigavam por entre tábuas, metiam-se pelo nem se imagina. Na cama, enquanto não vinha o sono, segredavam esconderijos e recantos para explorarem de manhazinha.

«Sei um sítio», dizia um. «Sei um sítio», respondia o outro. Depois coitavam — troca por troca. Mas o vigésimo, que é dele? A mulher ainda quis saber o número da terminação porque num sonho antigo lhe tinha aparecido

números e passeios de feriado, inquietava-se com a despesa que vinha aí. Chegava a preferir uma máquina de costura a um automóvel carregado de velhice e de manhas.

Resposta do tipógrafo: «Qual máquina de costura, qual gaita. Tens a da vizinha, e já não é nada mau.»

A mulher encolheu os ombros, que havia de fazer? Estava farta de explicar que a dita vizinha andava de má-vontade e custava-lhe a pedir favores. Se custava.

«Passa-lhe. Convidamo-la para um passeio de automóvel e verás como fica outra.»

«E eu?» perguntou o filho mais velho, muito rápido. «Também vou ao passeio, pai?»

«Vai tudo. No carro cabe tudo e ainda mais que fosse. A questão é a tua mãe deixar de emburrar com as vizinhas e não vir

para cá com conversas de máquina de costura.»

Dizendo isto, o tipógrafo pai de família voltava a lembrar o automóvel que estava algures num pátio dos arredores, com os seus faróis tranquilos e o seu bojo hospitaleiro. Tinha chaga grossa como já não se fabrica nos dias de hoje; e conforto americano, o mais possível. Senhor do segredo dos motores antigos, podia-se confiar nele e desafiar estradas de buraco e pedregulho que os mais novos não se atrevem sequer a cheirar. «Se eu não soubesse o que estava ali não me ia meter em despesas», rematou o tipógrafo para a mulher. «Ou ia?»

No fundo, começava a perder a paciência com tanta pergunta, tanta dúvida. Havia de morrer sem ter gozado o que os outros, com menos anos de ofício e família como ele para sustentar, têm gosado?

Quando voltou lá para as tantas, a mulher esperava por ele na cozinha. Tinha-se visto e desejado para calar os pequenos que àquela hora continuavam de olho aberto; entre lençóis

«Vai lá vê-los», pediu ela ao marido. «Diz-lhe que os levas também, coitadinhos.»

E saiu, porta fora.

Ouviu-se um berro: «Pai!» Era outra vez o filho mais novo a apontar o irmão e já de lágrima no olho: «Pai, ele está a dizer que eu não vou à janela!»

Aqui o tipógrafo não aguentou mais, foi o fim. Desesperado, assentou uma palmada no tampo da mesa e pôs-se de pé:

«Tudo para a rua. De hoje em diante só eu é que ando no carro.»

E saiu, porta fora.

Quando voltou lá para as tantas, a mulher esperava por ele na cozinha. Tinha-se visto e desejado para calar os pequenos que àquela hora continuavam de olho aberto; entre lençóis

«Vai lá vê-los», pediu ela ao marido. «Diz-lhe que os levas também, coitadinhos.»

**AQUI, POR ENTRE O FUMO**

lavras de chumbo. Quanto ao mais novo, ouvia-o e chegava: estava sempre a choramingar por causa da pressa de comer.

«De agora em diante a comida só vem para a mesa depois de esfriar», ameaçava o tipógrafo constantemente. Mas os filhos deixavam? É o deixas. Mal anoiçava punham-se a rondar a panela, ainda ao lume, perguntando o que era o jantar embora soubessem que não passava do mesmo. Batatas-couve-e-osso, ossobatatas-couve. Ainda haviam de acabar como o João Rato, cozidos e assados no caldeirão.

Enquanto os dois irmãos faziam pela vida, a farejar à volta do fogareiro, o pai discutia números com os amigos na taberna:

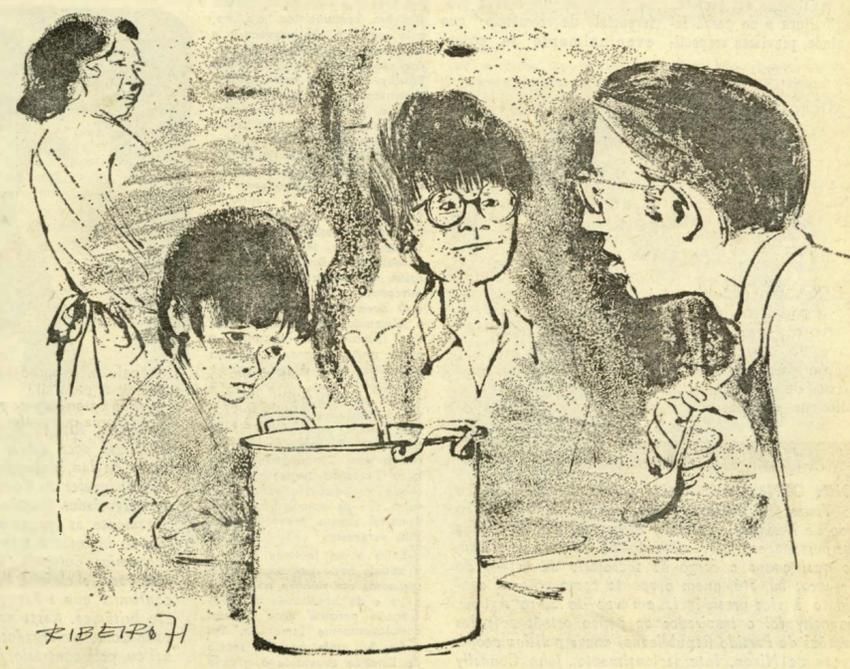
2-x-2; 1-1-1; 1-x-2.

Tinha saído da tipografia à hora do costume e, de lancheira na mão e olhos de toupeira, furava pela cidade vencendo o trânsito, espreitando sinais, mas sem nunca deixar de fazer cálculos: 2-x-1, x-x-2, 1-1-x, etc. Depois chegava à tasca e encontrava os companheiros da praxe. Estavam todos de papel e lápis, à espera.

Cada um destes homens tinha o seu impresso de totobola e muitos cálculos

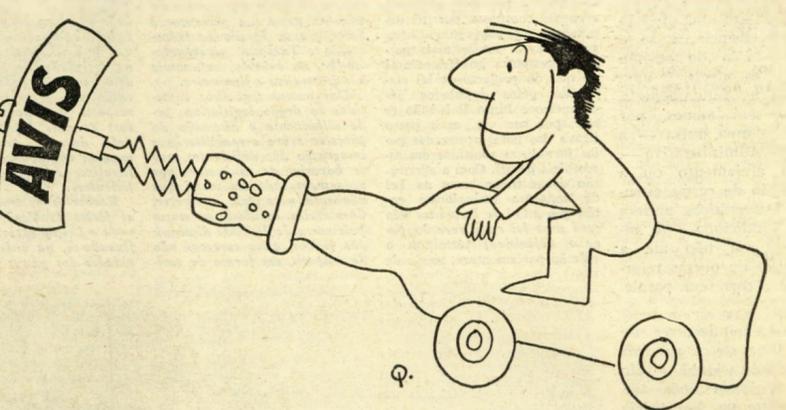
recia que estava na bolsa porque se gritavam só números e a correr, num ver se te avias, com conversas de dinheiro pelo meio, cotações em duplas e

quenos dinheiros lançados dali, a centenas de quilómetros de distância, e com vozes de números. 1-x-2, 1-2-2, etc. Conheciam muitas gló-



RIBEIRO H

**DP ANO NOVO**



Pois é verdade. Não calcula o agradável que é ter a Avis a trabalhar para si! Aonde quer que chegue lá estará um carro da Avis à sua espera, da marca que preferir, talvez mais novo do que o seu: é só assinar um papel, receber a chave e um sorriso e pôr-se a caminho. Porque para si não pode

haver qualquer obstáculo. Para que o seu trabalho ou o seu prazer, lhe corra muito melhor. E é isso que nós queremos.

Lisboa — Av. Pádua da Vitória, 12-C — Telef. 56 11 77  
Porto — Rua Guedes de Azevedo, 125 — Telef. 3 59 47  
Fero — Rua Horta Machado 42 — Telef. 2 45 38

**AVIS**  
ALUGAMOS AUTOMÓVEIS